

A contribuiçom de Joan Coromines à Filologia Basca¹

José Luís Álvarez Enparantza, Txillardegi

(Univ. do País Basco)

Conhecidas as impressionantes dimensões da investigaçom de Joan Coromines, seria fatuidade irresponsável pola minha parte que, sendo eu simplesmente um linguista basco, nom especializado nas árduas matérias relacionadas com a Toponímia pirenaica, e na fonologia antiga da língua basca, pretendesse dar-vos aqui umha opiniom, à vez global e pormenorizada, do portentoso linguista catalám.

Mas nom quigem deixar de prestar ouvidos ao amável convite da Doutora Maria do Carmo Henriques, organizadora infatigável destes encontros em terras galegas. E limitarei-me a expor-vos o que o meu conhecimento parcial, como já reconhecim ao princípio, provocou na minha própria formaçom e nos meus sentimentos. Julgo que outros muitos *eus-kaltzales* diriam cousas parecidas.

Surge, em primeiro lugar, umha corrente de *gratidom*: ainda lateral no contexto global da sua obra, o trabalho investigador de Coromines à volta da língua basca, foi já *decisivo* em muitos aspectos. E muito especialmente neste bem concreto: no conhecimento que hoje possuímos da *extensom geográfica*, e das características propriamente linguísticas do euscaro de há 10 ou 20 séculos.

E surge, em segundo lugar, outra corrente paralela, de *humildade científica*: à leitura dos trabalhos de Coromines (e eu nom tiveim a oportunidade até aqui de estudar os nove volumes do seu gigantesco *Onomasticon Cataluniae*) todos nos sentimos, em maior ou menor medida, estritamente ignorantes. E esta tomada de consciência converte-se em aguilhom estimulante, para intentarmos ir muito mais além no estudo da nossa própria língua nacional.

Umha opiniom autorizada, a de Koldo Mitxelena, o maior linguista

(1) Traduzido do espanhol por Jesus Miguel Conde, apresentado no V Congresso Internacional da Língua galego-portuguesa na Galiza (Vigo, 1996).

produzido polo País Basco até hoje, pode servir-nos de introduçom ao tema: «A contribuiçom de Coromines ao estudo da toponímia basca... é *decisiva* para a história das falas euscaras... Nom pode haver exagero ao afirmar que, do ponto de vista basco, a obra recente de Coromines constitui a *maior novidade* que desde há bastantes anos conhecêrom os nossos estudos» (*Boletín R. S. B. de Amigos del País*, 1966; 284).

Esta afirmaçom contundente, realizada há já trinta anos, foi corroborada umha e outra vez nos anos posteriores; polo que há que proclamar claramente que a obra de Coromines é *essencial* para o conhecimento da língua basca.

Num plano mais pessoal, nom tenho inconveniente em afirmar que a leitura dos trabalhos de Coromines transformou profundamente a minha visom diacrónica da língua basca. Basta ler o meu livro *Euskal Herria helburu*, designadamente as pp. 35-58, para assegurar-se do que estou a dizer. (A propósito disto, dentro de três meses aparecerá *Objetivo Euskal Herria*, versom castelhana do mesmo).

Padecendo os bascos, como bem sabeis os mais de entre vós, a divisom secular e a mutilaçom territorial do país, a leitura de Coromines constitui umha lufada de ar fresco no rosto. Já sabeis que o nosso pequeno país está reduzido a um minúsculo couto folclórico-financeiro: chamado antes «*irurac bat*», com /c/; e hoje, com sobeja impropriedade, «Comunidad Autónoma Vasca».

Desde tempo imemorial, e por razões essencialmente militares, os bascos *refugiamo-nos* nos Pirenéus e nas suas regiões limítrofes; convertendo-se as bacias ferazes do Garona e do Adur, ao norte; e as do Aragom e o Ebro, ao sul, em regiões de conflito permanente, de invasom estrangeira e de ocupaçom.

Os bascos intuimos isto desde sempre. Basta umha excursom inocente polas terras da velha «Vascónia dupla: ibérica e aquitânica», mas com os olhos bem abertos, e receptivos à toponímia e à antroponímia encontradas, para voltarmos a casa com a convicçom, apenas intuitiva mas insuperável, de que aos bascos *nos expulsárom* da maior parte do nosso solar originário.

Coromines, seguindo nisto o seu compatriota o medievalista Ramon de Abadal, confirma-nos nas nossas presunções com argumentos estritamente linguísticos; que ele maneja, dada a sua esmagadora erudiçom, com mestria e exactidom surpreendentes.

Começarei por umha anedota.

Desde há muitíssimos anos tinha eu desejos de conhecer *in situ* o celeberrimo mosteiro ribagorzano de Obarra. Sabia, polas minhas leituras, que o Rei Sancho o Maior de Navarra, a princípios do século XI, tinha chegado até ali; e se tinha feito com o controlo daqueles vales; que eram ainda entom (1025) euscaldunos; quer dizer, bascófonos.

É cada vez mais claro que Antso Nagusia tinha culminado umha *reconquista*, mais ou menos consciente, do solar vascom originário; empregando aqui essa palavra com muita maior propriedade que noutros casos que tam bem como eu conheceis.

À chegada a Obarra, para ser sincero, levei umha certa desilusom. O edificio existente hoje (o principal deles, digamos) pareceu-me muito pequeno. Eu esperava um género de Roncesvalles ou de Leire oriental. Extenso, ainda quando fosse em estado de ruína; como acontece com o que fica do mosteiro de San Victorián, junto de Arro, no Sobrarbe vizinho (e que foi também, lembro-o, outro feudo do já citado monarca navarro).

Obarra soava-me a vasconço; mas *obarra* nada significa hoje em euscaro.

Passárom vários anos até que tivem a oportunidade de consultar detidamente a *Colección Diplomática de Obarra (siglos XI-XIII)*; publicada justamente em Pamplona (1964) por Ángel J. Martín Duque.

E assim me inteirei de que *Obarra* nom é senom o originário *Ubarra* castelhanizado. O nome aparece umha e outra vez com /U/ ao longo do século XI (*Uarra*, *Huuarra* até). E isto é decisivo para umha pessoa com ouvido basco. O Vice-*Lendakar*² actual do País Basco chama-se *Ibarretxe*; mas todos conhecemos algum *Ubarretxena*..

Já o próprio Mitxelena escrevia na sua obra *Apellidos Vascos*, de 1953: «Nom é impossível que tenha existido umha forma ocidental **ubar*, var. de *ibar*... por exemplo em *Ubarrundia*, na Reja de San Millán» (Ap. V, p. 156).

Na realidade *ubar* nom é tanto «ocidental» como «periférico». Na toponímia riojana (ver *La lengua vasca en la Rioja y Burgos*, 1978, de J. B. Merino Urrutia) aparecem vários *Ubarra*: em Bañares (58), em Alesanco (64), em

(2) Vice-Primeiro Ministro do Governo Autonómico ou Regional. (N. do T.)

Fresneda (73), etc.

Esta distribuiçom geográfica do topónimo leva a supor que *ubar* é provavelmente anterior a *ibar*. E que o *Ubarra* ribagorzano é simplesmente umha apelaçom basca «da primeira geraçom», se se me permite a expressom. Umha última observaçom ao respeito: *Obarra* passa por ser um «prado risonho»³; e lemos (*Dicciona-rio Azkue*): «*Ibar*: Vega⁴...».

Por outra parte, é extremamente significativo na inscriçom «aquitânica» de Lerga (nom longe da fronteira administrativa actual entre Navarra e Aragom) fazer-se mençom justamente de um *Abisunhar*; no que o componente *Abi* (aldeia quase despovoada nas beiras do Esera, em Ribagorza) nom é mais estranho a ouvidos bascos que a palavra *sunhar*, normal em suletino actual (*Diccionario Azkue*, II, 236: «olmo»). A palavra (*h*)*abia* significa «ninho», e *zumar* é o termo guipuscoano habitual para «ulmeiro».

Tudo isto implica um nível elevado de intercomunicaçom, humana e linguística, entre os diversos vales pirenaicos. *Abisunhar* é um termo rigorosamente homólogo de *Usunaritz*, mas desta vez *Usun* é um termo da Navarra oriental, nom longe de Leire; e *haritz* é a palavra habitual para designar «carvalho».

Há decenas, centos, de «coincidências estritas» deste género nos Pirenéus que se nom furtam à atençom de Coromines.

E aqui tocamos já umha das teses centrais de Coromines; que defende a sobrevivência, até bem avançada a Idade Média, de umha «ilha linguística» bascófona nos Pirenéus; que poderíamos situar, grosso modo, no Val d'Aran - Alta Ribagorza - Alt Pallars. Nessa zona nom há «nem um só topónimo de origem árabe» (*Survivance du basque...*, *Estudis de Toponímia Catalana*, vol. 1, 118).

Isto leva-nos a um redesenho drástico da geografia histórica da língua basca. Há presença basca clara nos Pirenéus Centrais (e ainda nos Orientais, até ao Col de la Perche); as terras baixas do Ebro em Navarra perdêrom a língua muito antes que outras montanhosas oficialmente catalãs; os Pirenéus de Pallars fôrom bascófonos até muito mais tarde que o Sobrarbe, situado justamente entre Navarra e Lérida. Parece que Aran e a Cerdanha fôrom também avançada bascófona em datas anteriores. A leste a fronteira marcavam-na as falas ibéricas; que Coromines jamais considerou bascas, apesar de coincidências produzidas polo contacto prolongado.

(3) «prado risueño» no original. (N. do T.)

(4) «Véiga». (N. do T.)

Coromines dá nomes a esses dialectos pirenaicos, pouco conhecidos «por enquanto»: *vasconço-ribagorzano*, *vasconço-palharês*, etc.

E concretiza, por exemplo, que o léxico do *euskalki* palharês estava «erdaldunizado» até 50% aproximadamente: «le lexique de cet ancien dialecte haut-pallarais a dû être, à peu près, par moitié roman et basque»⁵ (*Est. Top. Cat.*, I, 121).

Contudo, precisa Coromines, esse *euskalki* palharês conservava a sua fonologia originária: «les éléments romans et présentaient les déformations et les traits typiques de la phonétique historique du basque. Pas du catalan; ni, bien entendu, de l'aragonais»⁶ (*Survivance, Est. Top. Cat.*, I, 121; 1958).

Algumas anomalias fonológicas aparentes (existência, por exemplo, das oclusivas surdas *p*, *t*, *k*, em inicial), som mais arcaísmos bascos que inovações devidas a interferência: «Res no ens permet d’afirmar que el basc de l’Antiguitat mostrés la repugnància envers les sor-des inicials T- i P- que endevinem a través del lèxic basc modern, que només coneixem per les *seves supervivències atlàntiques*»⁷ (*azpimarraketa gurea da: Ver Entre dos llenguatges*, Ed. Curiel, Barcelona, 1976; vol. 2; 140).

Demos aqui, como vê o leitor, o texto *original* catalám, de Coromines; por a versom castelhana que publicou a revista *Fontes L. V.*, em 1973, 13, 5-19, conter vários erros de montagem (até um parágrafo «saltado»); o que nos leva a pedir aos leitores interessados para seguirem o texto de Ed. Curiel, 1976.

Voltando às oclusivas surdas em inicial, assinalemos o facto bem conhecido polos fonólogos bascos, de em roncalês e em biscainho, dialectos periféricos, também existirem oclusivas surdas em inicial. Parece assim outro resto fonológico arcaizante.

Basta dar umha vista de olhos ao interessantíssimo livro *Toponimia euskérica en las Encartaciones*, do P. Sasía (discípulo do eminente P. Serrano) para descobrir análogas tendências no oeste de Biscaia: *Kandiaga*, *Paraia*, *Kaona*, *Karde*, *Turanko* (Mena, XI), paralelos surdos de *Gandiaga*, *Baraiazarra*, *Gauna*, *Garde*, *Durango*, em zonas nom periféri-

(5) «O léxico deste velho dialecto alto-palharês deve ser, aproximadamente, metade românico, metade vasconço». (N. do T.)

(6) «Os elementos latinos e (sic) apresentam as deformações e os traços típicos da fonética histórica do vasconço. Nom do catalám; nem, bem entendido, do aragonês». (N. do T.)

(7) «Nada nos permite afirmar que o vasconço da Antiguidade mostrasse repulsom polas surdas iniciais T e P- que adivinhamos através do léxico basco moderno, que apenas conhecemos polas suas sobrevivências atlânticas». (N. do T.)

cas.

Tudo isto confirma a agudeza das análises de Coromines.

Também merece assinalar-se a *assimetria* que descobre Coromines ao norte e ao sul das cristas pirenaicas (algo que lembra o que conhecemos do Cáucaso). Ribagorza e Pallars, meridionais, aparecem como bascófonos persistentes; entanto que a Ariège nortenha nom apresenta traços bascos na sua toponímia: «És posible doncs que a la *meitat oriental d'Andorra* hi hagués gent de llengua diferent, com la de l'Arieia, on tampoc no es troben afinitats basques»⁸ (*Top. Andorra, Est. T. P.*, II, 37).

Mas o mais decisivo das teses de Coromines nom som as análises toponímicas *pontuais* (audazes sempre, geniais e surpreendentes nom poucas vezes: *Estaguja / Estávar, Edors (1072)*, v. *iturres; Ezerre (839)*, v. *ekherri; Gallorsa*; etc., etc., impossíveis de resumir.

Um único desacordo, pola minha parte: nom acho que se poda sustentar que «en el basc antic “baix navarrès” es diria “*benabar*”»⁹; nem que «“*Benafarro*” és el nom basc actual de l'anomenada Baixa-Navarra»¹⁰ (*Est.*, II, 61) (?). Parece que Coromines toma aí por «Baixa-Navarra» (o chamado «Sexto Meirinhado», ultrapirenaico), a área geográfica na que se fala *dialecto Baixo-Navarro* na classificação de Bonaparte; que nom coincide com a Baixa-Navarra, «francesa». E deixa-se impressionar por apelações duvidosíssimas e modernas.

Mas a explicação proposta para *Err* (= *Ezerre*), a partir de *Ekhi + herri*, parece verosímil: *ekhi* (= «sol») é forma suletina e oriental; e a nom assibilação da oclusiva surda /k/, é fenómeno navarro em zonas próximas a Estella (*iken*, face ao habitual *izan*; verdadeiro elo intermédio entre *izan* e *ukan*, ambos auxiliares básicos na conjugação perifrástica actual). É sabido que nas regiões orientais de Navarra subsistírom, até à extinção dos dialectos, as formas nom assibiladas do género *bekala*, face às gerais género *bezala* (que é a escolhida no estándar chamado «Batua»).

Um bom resumo da posição fonológica a respeito do euscaro pirenaico mantida por Coromines pode encontrar-se na concisa recensom

(8) «É possível portanto que na metade oriental de Andorra houvesse gente de língua diferente, como a da Arieia, onde também nom se encontram afinidades bascas». (N. do T.)

(9) «No basco antigo “baixo-navarro” diria-se “benabar”». (N. do T.)

(10) «“Benafarro” é o nome basco actual da chamada Baixa-Navarra». (N. do T.)

de Mitxelena (BRSVAP 1966, XXII, 283-290; 1966).

Insiste Mitxelena em que o verdadeiramente determinante na demonstração de Coromines é o seu estudo dos topónimos de *origem românica*; que, ao sofrer alterações profundamente coincidentes com a observável nas zonas bascófonas, delatam a existência na região de umha população plenamente euscalduna, que impõe as suas regras fonológicas ao material fónico que cai *nos seus lábios*, se assim se pode dizer.

Costumava exemplificar Mitxelena esta ideia central utilizando o topónimo navarro *Guendaria* (perto de Zufia, zona de Estella, Navarra). A sonorização da oclusiva inicial, e a queda de /n/ intevocálico (lat. *centenaria*) bastam para afirmar com rotundidade que os falantes da zona eram euscaldunos. Para Mitxelena, que segue nisto a Coromines, esta prova vale tanto como um testemunho directo e documentado da praxe linguística da zona.

A impressionante listagem de regularidades *fonológicas* (até umha dúzia) que se assinalam no trabalho (*Survivance, Est. T. C.*, I, pp. 120-142), e que fundamenta o linguista catalão ponto por ponto, com listas consistentes de topónimos bem documentados, deixa encerrado o assunto: nos Pirenéus Centrais, e em parte dos Orientais (até ao enclave de Llivia, a leste de Andorra), falou-se vasconço *até finais da Idade Média*.

Na proibição explícita, *por ordenança municipal* de 1349, de falar «bascuenz» no mercado de Huesca, achamos umha confirmação manifesta das teses de Coromines.

Há outro extremo fonológico em que a intervenção de Coromines contribuiu a esclarecer as cousas: na Navarra oriental produziu-se o deslocamento do acento para a direita, e isto em tempos linguisticamente recentes. (Pode ver-se informação a este respeito na minha própria Tese de Doutoramento: *Euskal Azentuaz*, 1984; ponto 3.4, pp. 270-273).

Às listas já conhecidas sobre este movimento do acento, acrescenta Coromines várias, extraordinariamente claras; comparando occitano-vasconço antigo - vasconço actual. Quem quizer conhecer o assunto com pormenor pode referir-se a «*De toponimia vasca y vasco-románica en los Bajos Pirineos*», Fontes L. V. 12, 1972; pp. 299-320. Nos topónimos

navarros (género *Eáurta*, *Ibízta*, *Orbáizta*, etc. observa-se um fenómeno idêntico de deslocamento para a direita: *Jaurriéta*, *Ibilziéta*, *Orbaizéta*, etc.).

Mas vou-me deter aqui, aguardando que as minhas digressões fonológicas tenham podido ser seguidas por vós.

Obrigado pola vossa atençom.

E obrigado, principalmente, em nome de todos os *euskaltzales*, ao exímio catalám em cuja honra este Congresso reuniu.